

# **A EPISTEMOLOGIA DO MUNDO VIRTUAL<sup>1</sup>** **(um ensaio escrito no Século XX e** **atualizado para o Século XXI)**

Lourenço Stelio Rega<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo demonstrar que a realidade virtual tem se transformado num complexo modo vivencial humano a ponto de começar a trazer dificuldades na percepção epistêmica da realidade. O virtual se situa no mundo do imaginário, mas germina ações e fatos concretos. Assim, como é possível entender a realidade virtual dentro da epistemologia, que sempre discutiu os pontos de conexão entre a realidade e a sua percepção?

Palavras chaves: Epistemologia, realidade virtual

Com os últimos avanços da informática, aplicada à construção do chamado mundo virtual, surgem novas categorias de verdade pouco tratadas pela Filosofia e desconhecidas especialmente pela Epistemologia. A busca da verdade neste mundo virtual sem dúvida está requerendo uma releitura das tendências epistemológicas observadas na História da Filosofia.

A realidade virtual concretamente não existe, mas é virtualmente real em nossa mente, pois a vemos como dado mental. Ela reage às nossas reações gerando comportamento e alterando reações diante da vida. Essa descrição do mundo virtual não é um mero jogo semântico, é uma real descrição dos fatos virtuais, que se encontram nos mais diversos setores do nosso mundo real ou não-virtual. A bem da verdade é preciso lembrar que a realidade no mundo virtual, embora existindo virtualmente, não é palpável ou perceptível pelo tato. Ela existe eletronicamente falando, e é perceptível pela nossa mente/imaginação.

Tenho uma coleção de CDs de música sintetizada, isto é, todo tipo de instrumento que você imaginar pode ser reproduzido por modernos sintetizadores que simulam virtualmente o instrumento do mundo não-virtual. Há o banco virtual, onde você faz inúmeras operações através de uma rede computacional sem necessidade de alguém que lhe atenda. Você sequer vê a cor do dinheiro que transita através de sinais eletro-magnético-ópticos através de fibras ópticas e satélites. É um dinheiro que virtualmente existe,

mas ninguém vê. São transações eletrônicas que, embora virtuais, são válidas e plenamente aceitas no mundo real dos negócios.

Há ainda a imagem holográfica que, em três dimensões, reproduz objetos ou pessoas, até em tempo real. As imagens holográficas ainda possuem um certo grau de transparência, mesmo assim você tem a impressão de que a pessoa ou objeto está ali onde é projetada, mas quando for tocá-lo percebe que é apenas uma imagem. Nas “infovias” da Internet - a rede mundial de computadores - você pode freqüentar uma loja no mais distante ponto do Globo, sem contudo nunca estar lá. São as *Virtual Storefronts* com endereço WWW (World Wide Web). Por exemplo no endereço <http://www.amazon.com> você pode comprar tudo o que imaginar CDs de áudio, livros, equipamentos eletrônicos e muitas outras coisas. Essa loja, a Amazon como é conhecida, fica nos Estados Unidos, mas é “visitada” diariamente por milhares de cidadãos de todo mundo, que sequer saem de sua casa ou escritório. Ela funciona 24 horas por dia, todos os dias da semana, você não tem problemas de relacionamento com seus funcionários e a loja está bem perto de sua casa, ou melhor dentro dela. Eu vivo “navegando” pela Internet. No espaço de poucos minutos tinha consultado a Biblioteca de diversas Universidades, em diversos países distantes uns dos outros - Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, etc. O conceito de espaço e tempo, neste caso, é completamente outro do comum a que estamos acostumados. Assunto para a Filosofia da História. Aliás como esse capítulo da Filosofia tratará a história do homem virtual? Afinal ele não tem biografia, não tem história, é sem identidade, sem vida interior, mas influencia a história, passa a ser modelo para a formação de opiniões que depois vão alterar o curso da própria história e cotidiano.

É pela Internet também que surgiu a expressão *cybersex*, ou o sexo cibernético, virtual, um mercado onde se pode ver todas as alternativas que se possam imaginar sobre sexo. Mesmo assim, no “programa virtual” não se faz amor real, só imaginário. Naquela época em que este artigo foi escrito, pensar em banda larga ainda era ficção, portanto as imagens eram transmitidas pela Internet em todos os temas eram pequenas e de qualidade reduzida, hoje filmes inteiros são transmitidos ou trocados pela Internet, na rede P2P. Falando em imagens, será preciso citar os efeitos especiais atualmente conseguidos em filmes. Naquela época em que escrevi este artigo havia sido lançado o filme TWISTER - as imagens já eram tão parecidas com a realidade que se tinha a forte convicção de que os atores eram realmente tragados pelos ciclones do filme. Os efeitos especiais dos filmes contemporâneos são gerados em computadores que agora também absorvem as imagens das pessoas e as funde com quaisquer outras imagens ou paisagem fazendo com que elas estejam em lugares em que nunca estiveram ou mesmo que nunca existiram. Atores virtuais são criados numa prancheta do programador, como a jornalista da rede Globo de televisão e desenhos animados são completamente feitos

na tela do computador, já bem próximos da realidade.

Toda essa **clonagem da realidade** se transforma em massa de dados que passa a ser um aglomerado de bits (sinais eletrônicos e unidade de informação computacional) armazenados em discos magnéticos ou ópticos, ou mesmo em chips eletrônicos (memória flash) de modo que, na realidade, são meros sinais ou domínios magnéticos ou ópticos armazenados sob a forma dupla de zeros e uns, ou com presença ou ausência de energia elétrica ou magnética. Em outras palavras a imagem realmente não existe, até que os bits possam ser processados pelo computador. Como poderemos tratar epistemologicamente essas realidades? Elas de fato existem ou não? Será que o ceticismo, o dogmatismo, o empirismo, ou mesmo o realismo crítico podem nos auxiliar à busca da verdade neste mundo virtual? (Vamos lembrar que isso foi escrito antes da trilogia do filme MATRIX).

Que tal você receber um fax pelo *fax-modem*, com imagens, assinatura, papel timbrado, mas que na realidade somente existe na memória ou disco rígido do computador? Afinal esse fax existe ou não? São os documentos virtuais que estão cada vez mais em moda, tanto isso é verdade, que na empresa virtual já não se passam mais recados ou bilhetes por papéis, mas pelo correio eletrônico interno. Já não basta a Internet e surgiram as Intranets, as VPNs, os palmtops que trocam mensagens por Infravermelho (IrDa) ou por ondas de rádio (Bluetooth). Hoje tenho um celular que tira fotos, “fala” com meu palmtop por IrDa ou Bluetooth, você escolhe se quer completar a ligação pelo palmtop ou pelo celular mesmo. Se você não quiser andar com os dois equipamentos, tenha um só – palmtop e celular integrado.

A primeira vez que toda essa massa de informações virtuais me provocou um *insight* foi quando instalei uma placa de som e um drive óptico (drive de CD-ROM diríamos hoje) em meu computador. Depois da instalação dos programas que controlavam tanto a placa quanto o drive, fiz minha experiência - ouvir música de um CD enquanto digitava um texto. Para acionar o CD (drive óptico), ativei um programa e apareceu na tela do computador um painel igual ao de um aparelho comercial de CD. Os botões do aparelho de CD virtual apareciam na tela, eram iguais aos do aparelho no mundo real, só que eu não podia tocá-los com minha mão. Para acionar um botão era preciso apontar a seta do mouse bem em cima dele e “clicar” o botão esquerdo do mouse. Com isso eu pude até abrir automaticamente a porta do CD, avançar uma música ou mesmo escolher qualquer outra música que quisesse. O painel do aparelho de CD estava lá, pelo menos visualmente, embora eu não pudesse pegá-lo com minha mão, que também estava lá, só que era concreta, o “aparelho” de CD apenas virtual. Como tratar pela epistemologia a realidade “concreta” e a virtual? A virtual afinal existe ou não. Bem, ela pelo menos funciona e reage!!!

Quer ver outro exemplo? Na construção do mundo virtual existe a ULA

ou Unidade Lógico-Audível, isto é, um chip (circuito eletrônico) que consegue reproduzir a voz humana. Com o aperfeiçoamento da inteligência artificial, outro campo que está muito avançado, o uso dessas unidades levará a máquina a interagir ao trato humano. Hoje isso já é possível, dentro de certos limites (os limites já estão bem menores agora em 2004). Como considerar a relação de dependência que está aumentando entre a “vida” virtual ou artificial e a vida real? A tendência nos tem ensinado que o homem cada vez mais vai depender da máquina, do mundo virtual. Se o leitor tiver oportunidade de acompanhar um pouso de avião, na cabine de comando, poderá constatar o elevado grau de automação com que isso é feito. Os sistemas de pousos por instrumentos (ILS) estão cada vez mais aperfeiçoados. No Brasil ainda estamos utilizando o sistema ILS categoria II, que orienta o pouso até cerca de 400 metros de visibilidade da pista, com um teto de aproximadamente 30 metros. Nos países mais adiantados já se utiliza a categoria III-C, com teto e visibilidade zero, assim o pouso é feito automaticamente. Em 2004 na aviação comercial é comum o uso de GPS (Global Positioning System – um sistema de auxílio à navegação pelo uso de uma rede norte-americana de satélites) com significativo aumento de precisão. O que isso pode significar para a Filosofia? É que cada dia mais o homem depende do mundo artificial e virtual para estabelecer os seus juízos. Tanto que num acidente aéreo os parentes das vítimas se sentem consolados quando o acidente teve causas alheias ao juízo do piloto. Nos acidentes aeronáuticos fala-se em erro humano e falha do equipamento. O homem erra, o equipamento apenas falha. Mas será que confiar cegamente num juízo artificial também não seja um ato incorreto. É um bom assunto para os éticos e juristas cuidarem!!!

Nessa linha de análise temos o crescimento do jornalismo virtual em que as reportagens são elaboradas em redações herméticas, distantes do mundo real, onde as informações chegam enlatadas e pasteurizadas, acasadas por jornalistas hipnotizados pelas telas de computadores em vez de saírem pelo mundo real em busca das informações concretas e reais da vida, acabam se tornando meros processadores de informações e dependentes desse mundo virtual na formulação de seus juízos.

Nem o juiz de futebol ficou de fora. Os autoritários juízos de verdade aceitos incontestavelmente, agora são questionados pelo mundo virtual com o “tirateima” e outros recursos que têm surgido que capturam a imagem de um certo momento do jogo, a congela e a transforma em realidade tridimensional que, sendo manuseada pelo computador, mostra se o jogador punido estava realmente impedido, por exemplo.

Como será a ética do mundo virtual? Como avaliar o juízo de certo e errado num mundo onde a realidade virtualmente existe, mas realmente não? Será que os teólogos poderão reconstruir a moral tentando descrever uma deontologia virtual?

Os efeitos do mundo virtual já fazem parte do cotidiano contemporâneo. O aumento do **senso de onipresença** no homem já é notável, pois a pessoa pode fazer uma viagem virtual pelo mundo todo sem, contudo, sair de sua cadeira junto ao computador em sua casa. Soube de um julgamento no Canadá em que o réu nem precisou sair da prisão e estar diante do juiz, tudo foi feito em videoconferência. Mas o aumento do **senso de onipotência** também é notado, quando o homem do mundo virtual sabe operar os equipamentos para lhe obedecer e fazer o que ele deseja. É o desenvolvimento da sensação de poder ou “kratosentido”. O que dizer da **morte-fantasia** que tem se cristalizado na mente e emoções de crianças, adolescentes e jovens que utilizam-se de vídeo-games virtuais e, numa partida, “morrem” e “ressuscitam” tantas vezes quanto permitido na programação dos games? Por outro lado o **cybersexo está aumentando o coro dos voyeuristas** que, para saciarem as perversões sexuais apreendidas no mundo virtual, acabam transformando as esposas em mães durante o dia e “prostitutas” à noite. O que dizer também da **impessoalização da vida humana**? Os relacionamentos virtuais hipnotizam seus participantes que, mais maravilhados com os efeitos do mundo virtual, se esquecem que nas pontas do contato virtual estão pessoas com os mesmos dilemas existenciais, que sofrem, se alegram. Está, também, ampliando um **embotamento do tato**, mas um **aguçamento da mente, da imaginação**. O juízo da confiança está mudando de direção. Antigamente confiava-se no “fio-de-barba” para se sacramentar um contrato ou acordo; depois nos documentos assinados, com firma reconhecida e registrados em cartório, era a época do “preto-no-branco”; no mundo virtual a confiança não está em documentos, mas em assinaturas virtuais - a famosa senha – que também precisa de certificados digitais (inventados depois que escrevi o artigo), pois ainda que a realidade virtual possa parecer asséptica, o coração do homem continua desesperadamente enganoso e corrupto como já nos ensinava o profeta Jeremias (17.9). E quando escrevi o artigo, os vírus de computador eram primitivos e “infantis” se comparados ao poder destruidor dos vírus de hoje.

É claro que muitos resultados positivos e benéficos estão surgindo com a ampliação do mundo virtual. A título de exemplo, é possível citar a economia de tempo e de deslocamentos ou mobilização nas grandes cidades. Na região da Grande São Paulo, estima-se que são feitos 22 milhões de deslocamentos diários (em 1996) gerando, muitas vezes, enormes engarrafamentos no trânsito. No futuro prevê-se que os deslocamentos poderão ser sensivelmente diminuídos, pois os escritórios serão transferidos para os lares das pessoas e a maior parte de seu trabalho poderá ser feito por computador. Hoje (2004) tem-se descoberto que isso foi mera ilusão, pois, ainda que se possa trabalhar em casa, a concorrência no trabalho e o utilitarismo neoliberal tem demonstrado que o tempo gasto com o trabalho não tem diminuído e trazido

mais momentos de lazer. Mesmo assim, o lazer contemporâneo geralmente é virtual, sem o “contato epidérmico-social” humano. Por isso, naquela época já se previa que a qualidade dos contatos humanos se degradaria cada vez mais de modo que o homem precisará reaprender o relacionamento social. As pessoas são mais do que meros endereços eletrônicos, como um @ alguma coisa.

À luz disso tudo posso dizer que o *cogito* do homem virtual é: ***Sou imaginado, logo existo***. Assim, estão aí os novos desafios deste mundo virtual paralelo ao mundo real gerando novas categorias de verdade e juízo, novas conseqüências éticas que precisam de um repensar da Filosofia, e, por que não, da Teologia, e da própria Ciência do Direito. Mais uma vez se não acompanharmos o desenvolvimento da vida humana (artificial ou natural, virtual ou não-virtual) seremos atropelados pelas necessidades urgentes de decisões e escolhas do homem contemporâneo, a semelhança do que tem ocorrido nas controvérsias da Filosofia da Natureza. Esse exercício exigirá do Filósofo, do Teólogo e do Jurista que intercambie sua vivência entre seu gabinete de trabalho e a vida cotidiana e o pensar não apenas acadêmico abstrato, mas que também busque soluções concretas a esses dilemas do homem contemporâneo.

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente na LUMEN – Revista de Estudos e Comunicação da FAI (Faculdades Associadas Ipiranga), vol II, (5), dezembro/1996, pgs. 173-178, ISSN 1516-1285. Este artigo foi atualizado para fins de publicação virtual na Internet neste século XXI.

<sup>2</sup> Lourenço Stelio Rega é Bacharel em Teologia, Mestre em Teologia (especialização em Ética), pósgraduado em Análise de Sistemas, Extensão pedagógica em Ensino Superior, Licenciando em Filosofia, Mestre em Educação (especialização em História da Educação) e Doutor em Ciências da Religião. Foi Deão da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, onde hoje é o seu Diretor Geral e professor de Ética, Bioética, Filosofia da Religião.